

Mídia e representatividade: por que demorou décadas para ter uma âncora negra no RBS Notícias?¹

Wagner Machado da SILVA²
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Noticioso com maior audiência da televisão do Rio Grande do Sul, o RBS Notícias, da RBS TV, completou 37 anos de exibição em janeiro de 2020. No país com maior número de pretos e pardos fora do continente africano e em um estado onde apenas 18,2% da população se autodeclara negra, foi necessário quase quatro décadas de existência para que o telejornal tivesse negros na bancada, ainda que aos sábados, uma vez por mês ou nas férias para substituir os profissionais titulares da apresentação. Nesse contexto, o presente artigo tem o desejo de refletir sobre as razões dessa mudança e para isso percorre a história do programa televisivo, aborda o racismo midiático existente no país e reconta parte da trajetória da jornalista gaúcha Fernanda Carvalho para tentar compreender a importância dessa presença no contexto atual brasileiro.

PALAVRA CHAVE: RBS Notícias; Negritude; Jornalismo; Representatividade.

A REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NA TELEVISÃO E O RACISMO ESTRUTURAL

A Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) divulgou um estudo que mostra que ainda que a presença da internet pareça ser maçica na vida dos brasileiros, a televisão continua sendo o meio de comunicação predominante no Brasil. A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, realizada pelo Ibope com mais de 18 mil entrevistados, verificou que 95% deles assistem televisão. Desse número, 79% afirmaram que veem para se informar. A grande presença desse equipamento na casa do brasileiro também é comprovada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dados do censo de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, Estudos de Televisão e Televisualidades, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e doutorando em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil). E-mail: wagner.machado@ufrgs.br.

2010 indicam que 95,1% das residências têm o aparelho, enquanto as geladeiras estão presentes em 93,7%.³ Ou seja, tem casa que tem TV, mas não tem geladeira.

A televisão pode ser compreendida como um fenômeno cultural, pois não apenas medeia a cultura, mas também é fruto da mesma. Dominique Wolton (1996, p. 16), ao observar a importância social e política da televisão no contexto social, a classifica como um objeto de conversação. “A televisão é um formidável instrumento de comunicação entre indivíduos. O mais importante não é o que se vê, mas o que se fala sobre isso”. Wolton alerta sobre um importante aspecto da televisão no que se refere ao seu inevitável impacto no contexto social, pois é capaz de proporcionar experiências tanto em nível individual, como coletivo (WOLTON, 1996).

Ainda que encontrar rostos negros em papéis e funções de destaque na televisão possa ser um pouco mais frequente que no passado, atualmente nos deparamos com a imagem negra distorcida, ínfima e pouco reconhecida. Apesar da população negra e parda ser maioria no país, conforme aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE, na qual 56,1% dos brasileiros se declararam pardos ou negros,⁴ ao assistirmos a programação de diferentes emissoras da televisão aberta é forte a constatação de que a população negra está subrepresentada. O Rio Grande do Sul, em contraste ao país, é um estado majoritariamente branco (81,5% da população). No entanto, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD-Contínua), os pretos e pardos estão aumentando a autodeclaração e cresceram de 16,2% para 18,2% entre 2012 e 2016.

A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado. (CARONE; BENTO, 2012, p. 6).

O racismo não é algo inato, mas construído e absorvido. Essa percepção decorre da observação de diferentes produtos veiculados na televisão, seja para informar, divulgar ou entreter, nos quais se torna evidente que a representatividade na programação da televisão, sobretudo no que diz respeito à diversidade étnica e racial, ainda está distante dos ideais de isonomia e proporcionalidade. E isso não ocorre por acaso, mas é resultado de um longo processo histórico e social.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁴ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

A mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico, uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros. (SILVA; ROSEMBERG, 2008, p. 74).

Silvia Almada (2012), ao falar da incoerência entre o que é veiculado na mídia, em especial na televisão, e a realidade multirracial e multicultural, indica cinco aspectos que marcaram a ainda tem marcado a presença negra na mídia.

(a) A cobertura jornalística pretensamente “objetiva” dos acontecimentos que envolvem “as comunidades à margem da cidade incluída”, entre as quais os negros são majoritários, se dá de forma estereotipada, espetacularizada; (b) Nossos noticiários, os dos veículos impressos entre eles, colocam em destaque os aspectos negativos dessas comunidades, deixando de fora das enunciações qualquer referência às razões que levam ao desvio da norma, ao desvio social, integrantes de grupos humanos historicamente discriminados e marcados pela desigualdade de oportunidades e de usufruto de bens simbólicos e materiais gerados pela sociedade do país. Muitos dos quais protagonizam um dos maiores dramas sociais da contemporaneidade brasileira: são jovens negros da periferia do país, aqueles percentualmente majoritários também nas estatísticas de homicídios; (c) Os meios são responsáveis por uma representação dos segmentos afro-brasileiros marcada por uma subalternidade racial e social dada como natural; (d) Os meios de comunicação, a não ser em casos flagrantes de discriminação que chegam à opinião pública, tendem a negar a existência do racismo, fator estruturante da sociedade brasileira; (e) Também recalcam aspectos positivos das manifestações culturais negras, além de mostrar indiferença profissional e desconhecimento de aspectos históricos e relativos à contribuição civilizatória dos negros tanto no Brasil, como nos demais países da diáspora. (ALMADA, 2012, p. 28).

A respeito das relações de poder, Muniz Sodré (1998) aponta para o papel das elites, sobretudo as que detêm ou integram os meios de comunicação na disseminação de ideias racistas. Sodré (1998) entende que, por meio do discurso midiático, as elites tradicionais disseminaram, ao longo de décadas, ideias permeadas de racismo e discriminação, de forma eficaz. Para ele, quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas “de cozinha”, isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública. (SODRÉ, 1998, p. 24).

Nesse sentido, à medida que os meios de comunicação, como a televisão, são gerenciados como bem particular, cuja finalidade central é comercial, a ideia de interesse público se perde ou é distorcida e o cidadão torna-se apenas um consumidor. Como sintetiza Sodré (2015):

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como público, sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. (SODRÉ, 2015, p. 277).

Zilda Martins (2011) atesta que o apagamento de afro-brasileiros na mídia acontece tanto no meio impresso quanto no televisivo. A autora exemplifica que essa invisibilização acontece logo cedo quando crianças negras veem refletidas no espelho midiático, em sua grande maioria, apenas crianças brancas e loiras. “Esse mundo imaginário é tão forte que você praticamente só existe socialmente hoje se estiver nesse espelho da televisão, nesse espelho de reconhecimento social”. (SODRÉ apud MARTINS, 2011, p. 46-47).

Sodré (2015) analisa o racismo midiático e constata que um dos fatores é a indiferença profissional. Segundo ele, a mídia pouco se interessa em abordar a discriminação racial, pois falta sensibilidade por partes dos jornalistas em relação a esse tema.

A RELEVÂNCIA DO RBS NOTÍCIAS PARA A TELEVISÃO GAÚCHA

Conforme Vizeu, Porcello e Mota (2006, p. 13), os telejornais são hoje a principal fonte de informação da sociedade brasileira, muito por ser a possibilidade mais barata, mais cômoda e de fácil acesso. Desde que surgiu no Brasil, na década de 1950, “o telejornalismo ocupa uma função social importante, por atingir um público onde grande parte é iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas que o assiste enquanto espera pela novela”. (REZENDE, 2000, p. 23).

No início de sua história, a linguagem do telejornal era mais próxima à do rádio. As frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre assuntos enfocados. Na transmissão da notícia, o locutor passava os acontecimentos como eles corriam e dava ao conteúdo todos os detalhes e adjetivos possíveis. Por esse quadro, o programa de maior sucesso da década de 1950 o “Repórter Esso” se transformou num grande sucesso na TV. (MELLO, 2014, p. 02).

No Rio Grande do Sul, a principal emissora, com maior audiência, é a Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV). Dados do site da emissora detalham que o Grupo RBS é pioneiro no modelo regional de televisão no Brasil e é também a mais antiga afiliada da Rede Globo. A maior rede regional de TV do país conta com 12 emissoras distribuídas no Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Bagé, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Rio

Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa e Uruguaiana), com uma cobertura que atinge 497 municípios.⁵

A RBS TV é a mídia de destaque de uma organização midiática no Sul do Brasil denominada “Rede Brasil Sul de Comunicação”, a qual se revela como maior rede regional de comunicação privada no Brasil e que em televisão está associada à maior rede de comunicação no país, a saber, as Organizações Globo. Seu principal produto, que ocupa os espaços de programação cedidos pela Rede Globo, é o telejornalismo. (KLEIN, 2013, p. 49).

A sede da emissora fica em Porto Alegre e foi fundada pelo comunicador Maurício Sirotsky Sobrinho com o nome de TV Gaúcha. A emissora opera no canal 12 de Porto Alegre, concedido ao Grupo RBS em 1961 pelo presidente da república Juscelino Kubitschek. Conforme cita Klein (2013, p. 51), o telejornalismo é o carro-chefe da produção televisiva da rede, que ocupa os espaços concedidos pela Rede Globo. No telejornalismo diário da RBS TV, no Rio Grande do Sul, destacam-se os programas Bom Dia Rio Grande, Jornal do Almoço e RBS Notícias.

Ao analisar a programação regional da emissora, percebe-se que ela tem o objetivo de se engajar nos assuntos e temas regionais/locais do sul do país, e para isso busca informar e entreter o telespectador. Em 1969, as primeiras emissoras no interior do estado foram ao ar: a TV Imembuí, de Santa Maria, e a TV Caxias, canal 8 de Caxias do Sul. A TV Tuiuti de Pelotas entrou no ar em 1972, mesmo ano em que estreou o principal programa da emissora, o Jornal do Almoço. A TV Gaúcha somente se tornou a Rede Brasil Sul de Televisão no ano de 1979, quando entrou no ar a primeira emissora afiliada em Santa Catarina, a “TV Catarinense”, posteriormente RBS TV Florianópolis.

Na programação da RBS TV, o telejornal com maior destaque é o RBS Notícias, – conforme pesquisas anuais divulgadas no site do Grupo RBS, esse é o telejornal com maior índice de audiência. Em abril de 2020, o RBS Notícias registrou o seu melhor desempenho do ano. Os números chegaram a cerca de 750 mil de telespectadores por minuto e alcance de 922 mil pessoas na região.⁶ O RBS Notícias é exibido de segunda a sábado, mas não tem hora precisa para iniciar nem tempo fixo de duração, pois depende do horário estipulado diariamente pela Rede Globo. Ainda assim, costuma ser veiculado, geralmente, entre 19h05 e 19h25, com média de 15 minutos de duração, dividido em três blocos.

⁵ Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/atuacao/rbstv/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁶ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2020/04/veiculos-da-rbs-batem-records-de-audiencia-ck8kpt33601gj01pmcw6la6v2.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

O RBS Notícias tem a proposta de noticiar os principais assuntos do dia, projetando também o que será manchete no dia seguinte. Aborda desde os fatos do dia, política, economia, consumo, serviço, esporte, polícia, até comportamento e cultura. O objetivo é fazer um resumo do que acontece de mais importante em todo o Estado e aprofundar os assuntos mais complexos. Além das equipes de Porto Alegre, contamos com a participação das 12 emissoras da RBS TV no interior do Rio Grande do Sul. [...] A nossa proposta é ainda retratar os problemas que mais afligem a população gaúcha, mostrar dramas que se arrastam sem solução por parte do poder público, assim como cobrar essas soluções.⁷

Ao jornal de maior audiência e de menor tempo na grade de programação cabe a hierarquização das notícias através de critérios jornalísticos como fatos com maior relevância e que merecem destaque no dia. Sendo o RBS Notícias o principal telejornal da RBS TV é possível compará-lo, com as devidas proporções, ao Jornal Nacional (JN), da Rede Globo. O modo de narrar e apresentar as notícias, a maneira de se vestir dos repórteres, quase tudo segue o estilo consagrado do JN. O telejornal também se beneficia do prestígio da Rede Globo. O programa é exibido entre a novela das seis e a das sete da noite. O formato tem dois apresentadores, um homem e uma mulher, da mesma forma que o JN.

Precisamos de mais mulheres negras na TV. Porque, quando tiverem muitas, você não fica com essa responsabilidade, que é muito grande. Claro que não sou a única, mas precisaríamos de mais, que me confundam, (a ponto de) de perguntarem: “Quem é aquela?” e errarem o nome, assim como erramos os das apresentadoras loiras, que, às vezes, são muito parecidas. Precisamos de proporcionalidade. Precisamos de mais gente para dizer que estamos mais equilibrados. Estamos dando passos, mas eles precisam ser mais largos.⁸

A NOVA APRESENTADORA (SUBSTITUTA) DO RBS NOTÍCIAS

Se demorou meio século para o Jornal Nacional ter uma apresentadora negra, no RBS Notícias a espera não foi muito menor. Foram necessários 37 anos. No dia 18 de janeiro de 2020, Fernanda Carvalho, de 40 anos, dividiu a bancada com Elói Zorzetto, rompeu os paradigmas na RBS TV,⁹ e agora ocupa o cargo aos sábados e nas férias dos jornalistas

⁷ REDE GLOBO. RBS Notícias. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2011/12/rbs-noticias.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁸ COUTINHO, Maju. Trecho da entrevista concedida à Donna/GauchaZH. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2017/01/entrevista-maju-coutinho-fala-sobre-o-novo-livro-racismo-e-desejos-para-2017-cjpvvi3v000rvvcnc1vbe3jg.html>. Acesso em: 04 jan. 2020.

⁹ Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=wLENhy71NfY#:~:text=Loading...-Trechos%20da%20estreia%20hist%C3%B3ria%20de%20Fernanda%20Carvalho%20no,\(18%2F01%2F2020\)](https://www.youtube.com/watch?v=wLENhy71NfY#:~:text=Loading...-Trechos%20da%20estreia%20hist%C3%B3ria%20de%20Fernanda%20Carvalho%20no,(18%2F01%2F2020)). Acesso em: 20 ago. 2020.

titulares. No dia da estreia, logo após a escalada, de forma pouco usual, mas demonstrando a importância do momento, a jornalista foi saudada pelo decano e editor-chefe do programa: “Eu gostaria de começar dando as boas vindas à Fernanda Carvalho. A Fernanda é uma excelente colega, pessoa e profissional. Que a partir de hoje faz parte dos apresentadores do RBS Notícias aos sábados. Bem-vinda, Fernanda...Vamos ao trabalho”.

A vida profissional para o negro brasileiro, e para a negra, mais ainda, é difícil em qualquer profissão e no jornalismo não é diferente. Eu acho que de repente para televisão, talvez nas outras mídias a coisa não seja tão gritante quanto para a televisão, por causa da imagem. Brigamos e batemos de frente com aquilo que a gente vive em todas as áreas, mas de uma maneira muito mais forte porque a gente está lidando com imagem. E no Brasil a gente discrimina pelo que a gente vê.¹⁰

Nascida em Porto Alegre, Fernanda concluiu a faculdade de Jornalismo no Centro de Ensino Unificado de Brasília (UNICEUB). Antes de ocupar a vaga de repórter e apresentadora na RBS TV, por três anos apresentou o Nação, programa premiado sobre história e cultura negra produzindo pela TVE/RS e transmitido em rede nacional pela TV Brasil, e também foi âncora do jornal Panorama da TVE/RS. Criadora da página *Em Negritto*, ela produz textos sobre negritude e feminismo negro e atua como cocriadora da webTV Nação Preta,¹¹ com pautas ligadas à questão do negro no país.

O Manoel Soares (hoje repórter do programa Encontro com Fátima Bernardes, da Rede Globo) disse para eu criar um blog (Em Negritto) para exercitar a escrita e não ficar parada. Isso me aproximou do movimento negro. A minha família não é engajada, mas é consciente e sempre passou isso para nós, o que é ser negro, ocupar espaços. Nunca participamos de grupos, movimento negro unificado, coisas do tipo, mas fui me aproximando.¹²

A repórter conta que trabalha na editoria de Geral, pois sempre disse que “não queria ir pra RBS para ser a preta da RBS”. Isso, conforme destaca, fazia parte da condição de trabalhar na RBS: atuar na editoria de Geral, já que queria estar na posição de jornalista e poder reportar sobre trânsito, buraco ou a respeito das ações do governador. “Louvo o trabalho da Carol Anchieta e do Manoel Soares (repórteres negros que já atuaram na RBS TV, mas em editorias mais segmentadas como cultura e periferia), mas não era o que eu queria fazer. Eu sou a primeira única negra de geral da RBS em Porto Alegre”, relata

¹⁰ CARVALHO, Fernanda. Trecho da entrevista concedida ao programa Faces da TVE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsGU8f4vM2A>. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC_3nsZ8_PL_v_WbmJU4_t4A. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹² Trecho de entrevista com a jornalista Fernanda Carvalho realizada pelo pesquisador.

Fernanda ao lembrar que muitas pessoas a confundem com a Carol Anchieta¹³ e perguntam se ela está no lugar da antiga repórter, assim como a Carol ouvia o mesmo questionamento sobre ela ter ocupado a vaga do Manoel Soares.¹⁴ “Um preto entrou no lugar do outro. Isso a própria empresa plantou. As pessoas confundem”.¹⁵

O Cezar disse, depois que eu já estava lá, que foi bom que topei a proposta, pois achava que não fosse aceitar. E eu disse para ele que se fosse noutro momento talvez não aceitasse. Eu batia muito na RBS, cobrava muito isso da representatividade, de que é um veículo embranquecido. Se mesmo conhecendo tudo isso eles me querem aqui, então é porque faz parte da proposta para o momento.¹⁶

Com liberdade para usar o figurino que tiver vontade, for conveniente e lhe favoreça, Fernanda é adepta da teoria de que jornalista não pode chamar mais atenção do que a notícia. Por isso, embora não tenha nenhuma regra, evita roupas que mostrem as tatuagens que possui. Além disso, confirma que tem liberdade para usar o cabelo do jeito que bem quiser. “Nunca alisei. Faz parte do pacote que eles querem comprar e vender. Nunca tentei usar turbante, mas não descarto”.¹⁷

A audiência mudou bastante, muito porque a televisão mudou também. Se a gente falar de IBOPE e audiência, essa era uma preocupação que eu não tinha com a TVE/RS e agora estou mais atendida nisso. A RBS tem pelo menos o dobro do que a que está em segundo lugar. Sobre o fato de eu ser jornalista e apresentadora negra nessa emissora de grande audiência, espero que eu não seja a única. Que não seja aquela coisa: temos uma e fica eu o resto da vida. Que seja um movimento.¹⁸

Pouco depois de Maju Coutinho se tornar a primeira negra a assumir a bancada do Jornal Nacional (ainda que de forma substituta),¹⁹ Fernanda Carvalho também assumiu missão semelhante no RBS Notícias²⁰. Maju sofreu inúmeros ataques racistas e misógnos ainda quando atuava na previsão do tempo do mesmo telejornal²¹ e esse receio também permeou os pensamentos de Fernanda. A gaúcha não vê problemas na comparação e na

¹³ Disponível em: geledes.org.br/conheca-carol-anchieta-nova-aposta-do-jornal-do-almoco/. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/manoel-soares-passa-a-integrar-time-do-encontro-com-fatima-bernardes.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹⁵ Trecho de entrevista com a jornalista Fernanda Carvalho realizada pelo pesquisador.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Trecho de entrevista com a jornalista Fernanda Carvalho realizada pelo pesquisador.

¹⁹ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/02/maju-coutinho-sera-a-primeira-mulher-negra-a-apresentar-o-jornal-nacional-da-globo.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

²⁰ Julieta Amaral, jornalista negra, trabalhou na RBSTV por quase trinta anos. Atuou como coordenadora de jornalismo da sucursal de Rio Grande e apresentava o Jornal do Almoço.

²¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/07/comentarios-racistas-contra-maria-julia-coutinho-serao-investigados.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

teoria de que a RBS atua com a mesma lógica da Rede Globo. “Sempre tivemos tantas portas fechadas por sermos negros, que bom que agora, por conta de sermos negros, a gente tem algumas portas se abrindo. Antes tarde do que nunca”, resume.

Fernanda fez treinamento de voz e postura antes de assumir a bancada do jornal. Ainda assim relembra que estava bem tensa na estreia, mas contabiliza que o retorno foi extremamente satisfatório na *fanpage* da RBS TV,²² na qual apenas três pessoas fizeram comentários preconceituosos como: “Ela é feia, não gosto dela” e centenas elogiaram.

Eu esperei pela contagem de erros como ocorreu com a Maju. Eu tinha uma meta aquele dia que era não gaguejar. Eu saiba que isso ia contar. O Elói, que está há 37 anos, gaguejar é uma coisa. Eu gaguejar no primeiro dia vai ser outro peso. Vou fazer um bloco de cada vez, um VT de cada vez. Só quero terminar a frase sem problema.²³

Ao ser questionada sobre o porquê de ter demorado tanto para ter uma negra na apresentação do jornal de maior audiência do Rio Grande do Sul, Fernanda não hesita em resumir que os veículos de comunicação são extremamente conservadores. “A RBS mais, por nós sermos no Sul. Eu acho que não tinha essa preocupação de agradar esse público. Quer me assistir, assiste. A gente acabava assistindo porque era a única opção”.²⁴

Onde tem um, está representado, não precisa pensar em proporção. Eu acho que era, simplesmente, para além da questão racial, estrutural, que fez com que não tivesse outras pessoas em outras posições. E hoje tem tudo isso acontecendo. A gente quer dialogar com os negros, a gente quer dialogar com a periferia. Então eu acho que é esse o movimento, perceber uma queda de audiência nesse sentido, e resultado de uma consciência nossa, do lado de cá. É uma vitória coletiva, para eu estar aqui, muita gente tombou. Há muita gente cobrando: Então se eu não me vejo, não assisto. E tem uma galera ligada nisso. Vamos agradar essas pessoas. Não é pelo belo cabelo crespo, mas porque somos público e damos audiência.²⁵

O Diretor de Jornalismo da RBS TV, Cezar Freitas, rememora que foi docente na Faculdade de Comunicação da PUCRS por 29 anos e teve apenas três alunos negros. Para ele, há um amadurecimento de que a representatividade mais ampla do que pode parecer e a Fernanda é um pedaço pequeno disso. “Ao longo do tempo fomos aprendendo e quanto mais as redações forem heterogêneas, representarem os pontos de vistas ou as representações

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/rbstv/photos/a.673018879413732/2617106828338251/?type=3&theater>. Acesso em: 20 ago. 2020.

²³ Trecho de entrevista com a jornalista Fernanda Carvalho realizada pelo pesquisador.

²⁴ Idem.

²⁵ Trecho de entrevista com a jornalista Fernanda Carvalho realizada pelo pesquisador.

sociais étnicas, visões políticas, de uma maneira mais ampla, mais rica vai ser a nossa abordagem”.²⁶ Nesse sentido, Fernanda afirma que o telejornalismo mudou muito e que o público quer ver gente como ela.

O padrão Carla Fachim, que era o que se queria, mudou. E a direção também. Não adianta botar a nossa negritude na mesa. Os agentes são pessoas brancas que estão na direção e estão dizendo: Chega, vamos lá e vamos tentar. É uma tentativa para todo mundo.²⁷

O Gerente de Produto da RBS TV, Rodrigo Müzell, conta que identificaram na Fernanda a possibilidade de ser um dos apresentadores substitutos (o Léo Saballa e o Josmar Leite são outros colegas, além da Simone Lazzari, que há mais tempo também entraram na escala do RBS Notícias),²⁸ sobretudo considerando a carreira anterior muito consistente dela. “A Fernanda tem bastante experiência com estúdio e apresentação em outras emissoras, e se sente bastante à vontade. Por isso, o nome dela foi natural nas conversas que tivemos quando falávamos de opções para apresentação. É uma profissional madura, extremamente dedicada e talentosa, que passa credibilidade, conversa bem com a câmera e tem ótima presença de estúdio”.²⁹

Não vejo a Fernanda como uma “cota” na redação da RBS TV; vejo sim o fato de termos uma repórter negra como uma consequência dessa mudança que é vista na sociedade, com mais espaços de visibilidade sendo ocupados. Assim como a Fernanda, temos colegas jornalistas negros de grande qualidade que devem ocupar cada vez mais lugares. Mas, na minha percepção, temos de retratar essa mudança social também em nossa programação, e isso vai além de termos repórteres e apresentadores negros: também passa por buscar ativamente sua presença enquanto fontes, personagens e protagonistas das histórias.³⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Telenovela, ao não dar visibilidade à composição racial do país, compactua conservadoramente com a tendência que ainda permanece em uma parcela dos afrodescendentes, produtos do ideal do branqueamento que buscam uma identificação com a parcela branca da sociedade, e pratica uma

²⁶ Trecho de entrevista o Diretor de Jornalismo da RBS TV, Cezar Freitas, realizada pelo pesquisador.

²⁷ Trecho de entrevista com a jornalista Fernanda Carvalho realizada pelo pesquisador.

²⁸ Disponível em: < <https://www.coletiva.net/noticias/fernanda-carvalho-entra-na-escala-do-rbs-noticias-347000.jhtml> > Acesso em: 20 ago. 2020.

²⁹ Trecho de entrevista com o Gerente de Produto da RBS TV, Rodrigo Müzell, realizada pelo pesquisador.

³⁰ Trecho de entrevista com o Gerente de Produto da RBS TV, Rodrigo Müzell, realizada pelo pesquisador.

verdadeira negação da diversidade racial do Brasil. (ARAÚJO, 2004, p. 306).

Historicamente, a televisão tem desempenhado o papel de cúmplice e propagadora da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial, seja pela pouca representatividade, estereótipo ou mesmo pela invisibilidade da cultura afrodescendente. Assim como no Brasil, o Rio Grande do Sul não se vê na tela da televisão. E a ausência dos jornalistas negros na televisão gaúcha, embora possam dar outros títulos, tem um nome: racismo estrutural.

A porcentagem ínfima de jornalistas negros nas redações, sobretudo de televisão, onde a imagem é determinante, pode ser quantificada através de dados do IBGE. De acordo com o instituto, 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegaram ao nível superior em 2015. O percentual reduzido poderia ser pior sem ações afirmativas (era 5,5% em 2005, um ano após a implantação de cotas raciais nas faculdades). Outro dado mostra como Maju Coutinho e Fernanda Carvalho são exceções: no Brasil, somente 10,4% das mulheres negras concluem o Ensino Superior. Estatisticamente, é muito mais fácil uma mulher branca se formar na faculdade do que uma negra. E é mais palpável uma jornalista branca sentar na bancada do “JN” e do “RBS Notícias” do que uma negra. No entanto, ainda que tardiamente, as direções dessas emissoras estão percebendo que diversificar um modelo hegemonicamente branco na mídia não beneficia apenas o negro, mas todas as etnias e, sobretudo, a comunicação.

Além dos números, a ausência de negros em posições de destaque explica o chamado racismo estrutural, enraizado no modelo socioeconômico brasileiro que, por exemplo, paga salários menores para negros.³¹ À medida que se percebe o quanto demorou para que os negros ocupassem a ancoragem desses telejornais se faz ainda mais necessário ficar atento à forma como a sociedade e as relações raciais no Brasil foram organizadas. É importante refletir sobre o papel que a presença negra tem na TV, em atividades de destaque e não subalternizado, exerce na construção da identidade de crianças e de adolescentes negros. Como bem cita o pesquisador brasileiro Muniz Sodré, “a mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, [...] que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele”. (SODRÉ, 1999, p. 243).

³¹ Disponível em: < <https://exame.com/economia/negros-recebem-ate-31-menos-que-brancos/> > Acesso em: 20 ago. 2020.

Assim como ocorreu na GloboNews, os programas jornalísticos precisam fazer uma autocrítica sobre qual papel desenvolvem na luta efetiva contra o racismo. Na emissora da Globo, o reconhecimento veio em função da cobertura branca sobre as manifestações antirracistas a partir da morte de George Floyd, negro asfixiado por um policial nos Estados Unidos. Ainda que excepcionalmente, sob o comando de Heraldo Pereira, o canal escalou cinco jornalistas negras para discutir racismo no programa: Maju Coutinho, Flavia Oliveira, Zileide Silva, Aline Midlej e Lilian Ribeiro, que falaram sobre suas trajetórias no telejornalismo. Antes, o âncora Marcelo Cosme explicou que no dia anterior, para tratar do tema sobre racismo, a bancada era composta somente por pessoas brancas e isso não foi ao acaso.

A Globo tem a diversidade como valor e se orgulha dos profissionais negros que têm frente às câmeras e por trás delas. Profissionais de altíssimo nível, que comandam, alguns, a apresentação de telejornais na GloboNews e na TV Globo. E busca e continuará buscando ampliar essa diversidade. Mas, por razões históricas e estruturais de nossa sociedade também aqui na Globo os colegas ainda não são tantos quanto desejável.³² (COSME in STYCER, 2020).

Cento e trinta e dois anos depois da abolição da escravização, se fosse o caso de realizar um programa nos moldes do da GloboNews, a RBSTV não conseguiria, pois quase não há profissionais negros na função de repórter. Aliás, não seria possível tal proeza nem se juntassem todas as emissoras de canal aberto do Rio Grande do Sul tamanho é o abismo entra a quantidade de jornalistas negros e de outras etnias no Estado. E isso, conforme revelado no artigo, não é ao acaso, mas uma construção alicerçada ao longo dos anos.

Após séculos de escravização, ainda é preciso difundirmos o fato de que o racismo estrutural não deve servir como desculpa para a escassez de pessoas negras nas universidades, na mídia, no ambiente de trabalho ou em qualquer outro espaço. O antropólogo Kabengele Munanga (2005) também compartilha da ideia de que raça deve ser compreendida a partir de uma perspectiva social e política, e entende que o não falar de raça não inibe ou impede o racismo.

Como foi analisado ao longo do trabalho, a TV continua sendo um veículo de forte impacto social, já que é por meio dela que grande parte dos brasileiros obtém informações

³² Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/mauricio-stycer/2020/06/03/globonews-ouviu-o-recado-e-escala-jornalistas-negros-para-debater-racismo.htm>> Acesso em: 20 ago.2020

diárias. Dessa forma, os telejornais poderiam se revelar como importantes atores na luta contra o racismo, principalmente por possuírem credibilidade diante da população.

Porém, acontece justamente o contrário: o reforço do preconceito racial, a começar pela falta de profissionais negros atuando no telejornalismo. Com o objetivo de mudar o quadro atual, conclui-se que seria necessário, primeiramente, incluir mais profissionais negros no telejornalismo, contribuindo para a quebra de estereótipos e da invisibilidade negra. Como se sabe, o racismo não está ligado à ignorância e sim à disputa de território, ocupação de espaço. Ou seja, é necessário desterritorializar e oferecer ao afrodescendente um lugar que contribua para a valorização da sua importância na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Sandra. Prefácio. In: **Mídia e racismo**. Coleção negros e negras: pesquisas e debates. Florianópolis: ABPN, 2012.

ARAÚJO, Joel Z. **Identidade racial e estereótipos sobre o negro na TV brasileira**. In: *Tirando a máscara: ensaio sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. Senac, 2004.

_____. **Onde está o negro na TV pública**. Revista da Fundação Cultural Palmares, 2007.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 59-90

CARVALHO, Fernanda. [Entrevista cedida ao] Programa Faces TVE. 6 e 8 nov. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsGU8f4vM2A>. Acesso em: 20 ago. 2020.

COUTINHO, Maju. Entrevista: Maju Coutinho fala sobre o novo livro, racismo e desejos para 2017. [Entrevista cedida a] Rossana Silva. **Site GaúchaZH**, 6 jan. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2017/01/entrevista-maju-coutinho-fala-sobre-o-novo-livro-racismo-e-desejos-para-2017-cjpyvi3v000rvvcnc1vbe3jg.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GOMES, Itania Maria Mota. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro**: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual, no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, Rio de Janeiro, 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

KLEIN, Otávio José. **A notícia em rede**: Processos e práticas de produção da notícia em rede regional de televisão. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo. 2013.

MARTINS, Zilda. **Ações afirmativas e cotas na mídia**: a construção de fronteiras simbólicas. Rio de Janeiro, 2011, Dissertação (Mestrado em Comunicação Social/Jornalismo). Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. **Cotas raciais**: para reatualizar o discurso da imprensa e inverter abolição da escravatura. Rio de Janeiro, 2015, Tese (Doutorado em Comunicação Social/Jornalismo). Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Faculdade Santa Amélia SECAL, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mellotelejornalismo.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**, 2. ed. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

REBELLATO, Maurício. **A Recepção do Telejornal RBS**; Um estudo das mediações familiar e socioeconômica em Ibirubá. Ibirubá (RS). 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rebellato-iser-2013-recepcao-telejornal.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

REDE GLOBO. **RBS Notícias**. 15 dez. 2011. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2011/12/rbs-noticias.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia e cotas no Brasil. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, Teun A van. **Racismo e discurso na América Latina.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 73-117.

STYCER, Mauricio. GloboNews “ouviu o recado” e escala jornalistas negros para debater racismo. **Coluna Maurício Stycer**, 3 jun. 2020. Disponível em:
<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/mauricio-stycer/2020/06/03/globonews-ouviu-o-recado-e-escala-jornalistas-negros-para-debater-racismo.htm>. Acesso em: 20 ago. 2020

VIZEU, A., PORCELLO, F., MOTA, C. **Telejornalismo:** a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público.** São Paulo: Ática, 1996. 319 p.